

# John Paynter e a Música-Teatro em Sala de Aula

## Comunicação

Victor Brum Esteves Pires  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
victorepires@gmail.com

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo buscar possibilidades para ensinar arte de forma integrada, reunindo diversas formas artísticas, tais como música, dança, teatro e artes visuais, em sala de aula. Para isso, mostra os princípios educacionais seguidos pelo educador musical John Paynter, sendo um dos pontos de sua linha de pensamento a defesa dessa integração. No decorrer do trabalho, são apresentados três livros escritos por Paynter na década de 70, explicitando a forma de estruturação majoritária destes: os Projetos. Utilizando estes Projetos, ele propõe a integração de diversas formas artísticas e seu uso na educação escolar. Essa integração é por ele denominada Música-Teatro.

**Palavras chave:** Paynter. Música-Teatro. Ensino de arte.

## Introdução

O grande dilema pelo qual passa todo músico-professor em sala de aula: como transportar a música para perto?; como transpor a distância que se coloca, atualmente, entre os executantes da música -aqueles que aparecem na televisão e tocam na rádio, no senso comum- e os meros ouvintes?; enfim, como ensinar música?. Frente a esse dilema, nós, músicos-professores, não sabemos como agir.

A partir desse dilema, existem algumas saídas. Uma delas é recordar-se de como aprendeu e fazer da mesma forma. Outra é procurar soluções de outras pessoas e reproduzi-las como um método, acriticamente. Uma terceira é procurar soluções de outras pessoas e apropriar-se delas, aprender a conhecer o seu sentido, pois é o que "constitui a base de sustentação e o fundamento de possibilidade para qualquer outro aprender" (LEAO, 1977, p. 47), para enfim transcriá-las. Este é, talvez, o movimento mais consciente e sincero dentre os três: não é uma busca por um método de ensinar música. Acima disso, é uma construção a partir dos princípios, da filosofia de ensino de cada educador.

Ao buscarmos referências de educadores musicais, deparamo-nos, quase sempre, com alguns conhecidos nomes, tais como Dalcroze, Orff, Schafer, entre outros. Podemos esbarrar

ainda em nomes menos conhecidos, tais como Boris Porena, Teophil Maier, entre outros. Certamente chegaremos ao livro "De Tramas e Fios", um dos principais em português sobre Educação Musical. Dele, extraio o seguinte trecho:

O mais significativo na educação musical é que ela pode ser o espaço de inserção da arte na vida do ser humano, dando-lhe possibilidade de atingir outras dimensões de si mesmo e de ampliar e aprofundar seus modos de relação consigo próprio, com o outro e com o mundo. Essa é a real função da arte e deveria estar na base de toda proposta de educação musical. (FONTERRADA, 2008, p. 117)

O trecho citado indica a educação musical como um caminho possível para a 'inserção da arte na vida do ser humano'. A autora não fala em um caminho para a 'inserção de música', e sim de arte. Ela mostra-nos que a aula de música pode não abordar somente a música, reunindo diversas formas artísticas. A presente pesquisa busca possibilidades para o ensino a partir desta integração da música com as demais artes.

## John Paynter

A autora Fonterrada faz uma classificação temporal dos educadores musicais citados no segundo capítulo seu livro "De Tramas e Fios" (FONTERRADA, 2008): Educadores da Primeira e da Segunda Geração.

Dentre os Educadores da Segunda Geração, um apresenta uma abordagem de aproximação da música alinhada com essa pesquisa: uma proposta de integração entre Música, Drama e Dança feita no livro *The Dance and the Drum*. John Paynter (1931-2010), compositor e educador musical britânico, atuou como professor na Universidade de York, como professor em escolas e como diretor do projeto *Music in the Secondary School Curriculum* entre 1973 e 1982. A maior parte de seus livros foi escrita entre as décadas de 70 e 90. A fim de encontrar os princípios para a Educação Musical defendidos por Paynter, três livros foram selecionados para apresentação no presente texto: "*Sound and Silence*" (1970), "*Hear and Now - an introduction to modern music in schools*" (1972) e "*The Dance and the Drum - integrated projects in music, dance and drama for schools*" (1974). Acredita-se que estes três, embora não abarquem a totalidade de sua obra, consigam balizar a visão de Paynter, que apresenta-se como uma possibilidade dentro da integração desejada.

## Sound and Silence

Essa seção está baseada em (PAYNTER; ASTON, 1970), sendo as páginas de referência indicadas quando houver necessidade. As traduções foram feitas a partir do texto original.

Este livro de 1970, escrito em coautoria com Peter Aston, foi a primeira publicação de John Paynter. Na introdução (p. 2-8), intitulada *Music in a liberal education*, os autores propõem duas questões que revelam sua busca: Por que ensinamos música? e Como adequamos o ensino de música ao padrão de educação atual?. Apesar de o termo 'atual' referir-se à Inglaterra da década de 60, pode-se buscar extrair os princípios propostos por estes autores para adaptá-los ao presente.

Um ponto pertinente que nos é apresentado na introdução é o fato de a educação escolar ser para todos os alunos, não somente para os mais musicais. A música, enquanto disciplina escolar, deve contribuir para a 'educação total' dos alunos. Essa contribuição, por ser a música uma comunicação de ideias e emoções para os autores, é dada ao colocar-se como papel desta a possibilidade de projeção dos sentimentos do indivíduo. Para potencializar essa comunicação, os autores utilizam a exploração criativa das matérias-primas da música, sons e silêncio, para conhecimento dos recursos disponíveis. Afinal, como em todo meio de comunicação, conhecer seus recursos abre novos caminhos para o 'comunicar'. Essa experimentação criativa (composição empírica) possibilita, além do conhecimento musical associado à exploração de novos sons, um desenvolvimento crítico por parte dos alunos, já que estes irão buscar os sons que melhor expressem aquilo que querem comunicar. Essa exploração é a principal base para o que os autores denominam 'Música Criativa', sendo esta uma importante definição dentro da obra de Paynter, retornando algumas vezes dentro dos livros aqui apresentados.

Outro ponto importante levantado é a defesa de que o conhecimento é fruto da experiência. Eles vão além, defendendo que as disciplinas escolares não permitem a interdependência, não possibilitando, de fato, um aprendizado integral. Por isso, uma educação liberal deve "realizar esforços conscientes para remover as divisões entre 'disciplinas'." (p. 3).

Na segunda parte da Introdução (p. 9-23), intitulada *Introduction to the projects*, os autores expõem a forma através da qual organizaram esse livro, uma organização recorrente na

obra de John Paynter: a divisão em Projetos. Essa divisão é feita por ele por não haver uma proposta de método em seus livros. Os projetos são apresentados como sugestões de linhas de trabalho, sendo os professores encorajados a desenvolver novos projetos seguindo essas linhas.

Dentro desses projetos, há uma divisão em quatro partes: 'A', 'B', 'C' e 'D'.

- Na Parte 'A' introduz-se o projeto, apresentando em linhas gerais a temática a ser elaborada neste;
- A Parte 'B' apresenta diversas tarefas para serem executadas na aula em grupos, individualmente ou com toda a turma, algo que deve ser adaptado de acordo com a faixa etária e históricos dos alunos;
- A Parte 'C' possui exemplos de trabalhos realizados em turmas, apresentando a descrição e partitura (se houver) dos resultados;
- Na Parte 'D', os autores apontam exemplos de músicas, imagens, livros, etc. que têm relação com o tema do projeto.

Algumas características foram observadas nesses projetos:

- O papel do professor nas aulas é o de "ajudar ao aluno no desenvolvimento de suas próprias capacidades críticas e percepções" (p.7). Por isso, vários destes são elaborados junto com os alunos (a escolha de temas, quais e quantos instrumentos utilizar, etc.);
- Muitas perguntas são colocadas no texto para serem usadas nas aulas, a fim de incentivar a discussão inicial entre professor e alunos e para reflexão prévia por parte do professor;
- Muitos projetos demandam uma grande diversidade de instrumentos. O intuito é possibilitar a experiência de variados timbres por parte dos alunos. No entanto, isso pode apresentar-se como uma dificuldade;
- Esses projetos foram pensados para aplicação no período equivalente ao segundo segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio, podendo ser adaptados para outros públicos-alvo;
- Os temas dos projetos repetem os termos 'Criação' e 'Exploração'. Paynter, por defender o aprendizado pela experiência, sempre propõe participação ativa por parte

dos alunos, buscando que essa participação seja incentivada pelas tarefas propostas. O professor propõe cada tarefa e deixa a condução com os alunos. Por isso, vários projetos propõem 'Criação' e 'Composição' para os alunos, bem como incentivam-nos a fazer a 'Exploração' prática do assunto a ser abordado.

Outra observação importante sobre os projetos: muitos exemplos musicais são apresentados, não sendo estes reduzidos a um período da música. No entanto, são, em sua maioria, exemplos de músicas do séc. XX. O principal fator para tal escolha é a linha de pensamento de Paynter, buscando sempre apresentar a 'música do presente'. Para ele, "A arte que é mais relevante para nós é a música de nosso tempo" (p. 4). Nos projetos, há inegavelmente uma aproximação ao pensamento composicional do séc. XX: diversos deles utilizam exemplos e técnicas vinculadas a este.

Alguns projetos, na busca pela extinção das divisões entre 'disciplinas escolares', relacionam textos [Projetos 4, 5, 18, 19 e 20], artes visuais [Projeto 11], dança [Projetos 8 e 35] e teatro [Projetos 7 e 36] à música. Apesar de possuir suas próprias especificidades técnicas, a música, para os autores, pode e deve ser abordada interartisticamente. Para essa utilização integrada de formas artísticas em sala de aula é importante que se tenha em mente um trecho do primeiro parágrafo do Projeto 36:

Crescemos tão acostumados à ideia de escutar a performance de músicos virtuosos que, por vezes, esquecemos que a música de concerto é uma invenção relativamente recente. Povos primitivos eram incapazes de conceber a música separada de palavras e ações. (...) Tendo ganhado por esse processo de especialização, ela [a música] perdeu seu caráter ritualístico, seu sentimento de pertença à vida das pessoas comuns. (...) A música perdeu seu sentido de Teatro. (PAYNTER; ASTON, 1970, p. 335)

Ou seja, a integração das artes não é recente. Essa proposta dos autores é, na verdade, um retorno à integração.

## Hear and Now

Essa seção está baseada em (PAYNTER, 1972), sendo as páginas de referência indicadas quando houver necessidade. As traduções foram feitas a partir do texto original.

Este livro de 1972 trata, como explicitado em seu subtítulo, do uso da música moderna em escolas. Novamente, buscou-se tentar extrair princípios de ordenação do pensamento do autor.

O livro *Hear and Now* parece ser uma fundamentação teórica do autor para seu primeiro livro. Portanto, alguns pontos são retomados enquanto outros são esclarecidos ou ampliados.

Novamente, Paynter deixa claro já no primeiro capítulo do livro (p. 9-14) que este não é proposto tendo em mente o ensino especializado de música, mas sim o ensino de música em escolas de educação básica. A justificativa principal para a presença de arte no currículo escolar é que esta educa os sentimentos, desenvolvendo a sensibilidade e o senso estético dos alunos.

Um dos pontos ampliados pelo autor é a questão da notação musical, afirmando que a música "Não é pontos no papel: ela é sons." (p. 9). O amplo enfoque na escrita dado pela educação musical é, na opinião de Paynter, uma das razões pelo afastamento da execução musical do cotidiano das pessoas, por haver a confusão dos "símbolos com a coisa real" (p. 9). Buscando minimizar a notação, os pontos fundamentais na 'Música Criativa' são a imaginação, o indivíduo e o que este consegue fazer com os materiais que possui. No entanto, o autor não descarta a representação das músicas, mostrando exemplos, no decorrer do livro, de sugestões alternativas de notação, "verdadeiros desenhos de como os sons devem comportar-se" (p. 12), sendo estas sugeridas para possibilitar seu registro e conseqüente possibilidade de reprodução em um momento posterior.

No capítulo 2, na página 18, o autor distingue três elementos musicais:

**Melodia** - relação entre sons de altura específica;

**Ritmo ou Dimensão Temporal** - espaço de tempo no qual a música ocorre e dá-se sua sensação de movimento;

**Timbre** - tipo de som.

Apesar de não ser possível separar os três, o autor procurou direcionar os capítulos 3, 4 e 5 de maneira que as propostas de cada um priorizassem um dos elementos. O capítulo 3 focou principalmente o Timbre, o capítulo 4 tem foco na Melodia e o capítulo 5 aborda o Ritmo. Nestes, Paynter permanece apresentando, de forma discursiva, formas de se ter a experiência com estes elementos, não construindo Projetos.

Um ponto importante sobre o capítulo 3 é que este tem como foco principal o trabalho com sons, o aprendizado da escuta, a exploração de timbres. Por trabalhar também com alunos que não possuem conhecimento musical prévio, Paynter defende o uso de diversos timbres em sala de aula e construção de músicas. Apresenta como uma das vantagens para essa abordagem a não existência de "uma 'gramática' de convenções que se apresenta a nós como um conjunto de regras. São as regras que afastam as pessoas: 'Posso fazer isso ou aquilo?'. Há somente uma regra: Escutar atentamente." (p. 34). Uma aula que objetive a composição musical tem como etapas a coleta de materiais sonoros; a manipulação e adaptação destes para reprodução vocal; a transcrição para reprodução instrumental. A música pode ainda ser escrita. Em uma execução, o regente assume a função de realizar as transições e dar indicações de entrada e expressão para os demais alunos.

Existe uma mudança de abordagem em relação ao seu primeiro livro digna de nota. Em *Sound and Silence*, o autor coloca como necessário para uma aula de música a existência de uma vasta gama de instrumentos musicais de boa qualidade. Em *Hear and Now*, é necessária uma vasta gama de coisas que produzam sons (p. 30). Isso demonstra a presença cada vez maior da Música Criativa como parte fundamental do pensamento pedagógico de Paynter. Além disso, expande a viabilidade de suas propostas no contexto escolar.

O capítulo 6 do livro apresenta outros livros e partituras que podem ser executadas em sala, todos do séc. XX. No capítulo seguinte, essa lista prossegue apresentando mais livros, gravações, partituras e compositores, tendo sempre o intuito de seu uso como recurso em sala de aula ou como possibilidade para pesquisa por parte do professor. O último capítulo apresenta-se como um fechamento, retomando pontos importantes apresentados no livro:

- Música em sala de aula educa os sentimentos;
- O início deve ser um ponto onde todos os alunos possam ser alcançados, sem necessidade de conhecimentos musicais prévios;
- Usar a música do presente é a melhor forma de despertar curiosidade nos alunos.

A frase final do livro sintetiza bem o que parece ser a proposta de ser uma introdução exposta em seu título:

Uma vez despertado o entusiasmo de nossos alunos, podemos guiá-los na descoberta de mais e mais sobre a diversidade da música, não somente do

presente, mas também do passado. O ponto crucial é fazê-los começar. (PAYNTER, 1972, p. 96)

Antes de prosseguir para o próximo livro, no entanto, cabe retornar ao final do capítulo 3. Há nele uma proposta da integração da música com outras formas artísticas. Dois pontos importantes devem ser ressaltados:

1. Paynter sugere que se pergunte 'Que tipo de sons eu preciso para ilustrar essa ideia?' quando for utilizar outra forma artística, p. ex. um poema, como ponto de partida para a criação de música;

2 Na criação de um drama, é necessário que a música não fique responsável pelos efeitos, e sim que o pensamento seja musical. Um dos perigos da utilização da integração é a subserviência entre as formas envolvidas. Ou seja, deve-se buscar que drama, música, movimento e artes visuais se influenciem, não havendo uma forma mais importante que as outras.

Para referir-se a essa forma de arte integrada, Paynter utiliza o termo Música-Teatro, apesar deste não ter sido utilizado em seu primeiro livro e não haver explicação sobre ele nesse livro. Somente em seu terceiro livro, *The Dance and the Drum*, esse tema é tratado mais a fundo. Sobre esta, o autor afirma em *Hear and Now* que ela pode não ser uma boa escolha para o trabalho com iniciantes em música. A razão exposta por ele é que a música, mesmo emergindo de uma integração, deve ser "capaz de desenvolver-se em seus próprios termos - os sons" (p. 34). Na verdade, a proposta do autor nesse livro é que, ao surgirem as ideias musicais, um grupo se destaque para desenvolvê-las enquanto o outro aperfeiçoa a dança e o drama. Ou seja, a reunião ocorre somente no final, não sendo ainda uma forma integrada na concepção e desenvolvimento.

## **The Dance and the Drum**

Esse capítulo tem base em (PAYNTER; PAYNTER, 1974), sendo as páginas de referência indicadas quando houver necessidade. As traduções foram feitas a partir do texto original.

O terceiro livro de Paynter é uma compilação de 12 projetos em Música-Teatro escritos em coautoria com sua esposa, Elizabeth Paynter. No primeiro parágrafo da Introdução

(p. 9-11), o autor revela o objetivo do livro: desenvolver habilidades criativas e imaginativas nos alunos utilizando música, dança e drama. Música-Teatro é o termo utilizado para representar essa "integração total de todos os elementos de expressão humana que chamamos de arte. Ou seja: palavras, movimento, música e as artes visuais bi- e tri-dimensionais" (p. 9). No decorrer da introdução, o discurso nos mostra o afastamento que a sociedade contemporânea teve dessa forma de arte, talvez a mais antiga existente. O processo de especialização de cada uma das formas de arte, ao mesmo tempo que propiciou o surgimento daquelas que denominamos 'obras-primas', afastou as pessoas comuns, as 'não-talentedas', e "as artes tornaram-se uma província de um pequeno grupo" (p. 10). O envolvimento de um grupo com a Música-Teatro é, portanto, uma reaproximação do sentido ritualístico das artes, gerando um sentimento de participação nos envolvidos, o que possibilita "trazer as artes performativas novamente para a órbita da experiência cotidiana" (p. 10).

As temáticas apresentadas no livro para cada projeto estão baseadas em mitos e lendas e podem utilizar, além de música, dança e drama, materiais adicionais tais como máscaras, fantasias e títeres. Cada um deles apresenta: 1- narrativa; 2- projetos preliminares em música, dança, drama e artes visuais; 3- história, onde são expostas as personagens da narrativa e as situações. Novamente, as sugestões de atividades não são 'passos a serem seguidos': devem ser adaptadas ou modificadas de acordo com a turma. Essas sugestões são dadas tendo como base a experiência prévia dos autores com Música-Teatro em sala de aula. Não há método: a forma da peça, o que será utilizado, etc. devem ser decididos pela turma e pelo professor.

Uma importante proposta é defendida para o trabalho com Música-Teatro (p. 12): quando e se possível, esses projetos devem ser realizados em formato de workshop, abrindo-se mão das aulas de uma hora semanais em prol de um curso concentrado. A experiência de um *workshop* de dois dias voltados para uma atividade é mais intensa para os envolvidos do que aulas espalhadas ao longo do mês. Como principal defesa para essa proposta está o fato de que trabalhos de criação demandam tempo por conta do processo de experimentação. Por ser uma atividade que envolve criatividade e imaginação, a Música-Teatro possui uma característica interessante. Nas palavras dos autores, "Música-Teatro depende mais do poder de sugestão do que do realismo teatral" (p. 13). Ou seja, é muito mais simbólica do que representativa.

Na seção *Making the music* do livro (p. 14-16), os autores apresentam princípios para a Música Criativa, com destaque para:

1. Problema dos efeitos sonoros: em geral, seu uso não é musical, cumprindo o papel de adições ao teatro, minimizando a relevância da música. Deve-se cuidar para não haver, como dito no livro *Hear and Now*, uma forma artística que seja dominante: busca-se uma verdadeira integração entre os elementos visuais, musicais e dramáticos;

2. Crítica auditiva: os envolvidos devem desenvolver sua habilidade de escolha dos sons, procurando o tipo de padrão sonoro que melhor expresse o que querem dizer.

A seção *Masks, props, costumes and puppets* (p. 17-23) mostra formas de confecção dos adereços. No entanto, tal como na música, eles não necessitam ser realistas: "eles talvez sejam mais efetivos se forem meras sugestões, ao invés de serem cópias fiéis de coisas reais" (p. 17).

### **Projetos Integrados**

A faixa etária proposta neste livro para o trabalho com os projetos integrados é de 9-13 anos, o que corresponde aproximadamente ao período entre 4º e 9º ano. Apesar dessa sugestão, no entanto, os autores deixam espaço para a adaptação para outras idades. As fontes utilizadas para o desenvolvimento dos 12 projetos apresentados no livro são mitos e lendas oriundos de diversos povos. Os autores incentivam os professores a desenvolver seus próprios projetos utilizando outros pontos de partida.

Segue uma síntese das fontes utilizadas em cada projeto com suas respectivas origens:

**Projeto 1** Mito da criação do mundo - Origem: Iorubás

**Projeto 2** Mito sobre a origem do pôr-do-sol - Não identificada

**Projeto 3** Mito explicando a duração do dia - Origem: Povos das Ilhas do Pacífico

**Projeto 4** Lenda de Kigbo - Não identificada

**Projeto 5** Lenda sobre o poder mágico da música - Origem: Povos Songhai do Oeste da África

**Projeto 6** Lenda sobre a origem da Camlet Flower - Origem: Uruguai

**Projeto 7** Mito sobre a origem de Verão e Inverno - Origem: Índios Wabanaki

**Projeto 8** Lenda sobre os perigos do oceano - Origem: Escócia

**Projeto 9** Lenda sobre a origem das marcas em uma rocha - Origem: Escócia

**Projeto 10** Lenda sobre São Jorge - Origem: Inglesa

**Projeto 11** Lenda sobre Bel, deus babilônio - Origem: Extraído do livro apócrifo Bel e o Dragão

**Projeto 12** Adaptação de uma peça Noh - Origem: Japão

## Conclusão

No início do texto, propôs-se buscar formas de ensinar arte aos alunos de forma integrada. Os Projetos de Paynter em Música-Teatro apresentam-se, portanto, como uma possibilidade de resultado para essa busca, por serem pensados de forma integrada artisticamente e para aplicação em ambiente escolar.

Um ponto importante nessas propostas é o fato delas não serem fechadas. Os professores podem adaptá-las para a realidade tanto material quanto humana das turmas. Possuem ainda um objetivo bem definido e adequado para o papel que a escola cumpre ou deve cumprir atualmente: a formação do homem. Entretanto, exigem uma mudança de pensamento. A experimentação dessa integração é necessária a fim de um professor de música conseguir utilizá-la em suas aulas. No entanto, essa experimentação é difícil pois a projeção de suas ideias no Brasil ainda é pequena, apesar destas terem se espalhado bastante pela Europa, EUA, Canadá, Argentina, etc. Dentro da bibliografia encontrada em português sobre esse autor, os exemplos de maior expressão são o livro de Fonterrada aqui citado e o capítulo escrito por Teresa Mateiro (MATEIRO, 2011) no livro *Pedagogias em Educação Musical*. Todavia, o enfoque dado para a obra de Paynter em quase todo exemplo encontrado é sobre o seu uso de música contemporânea em sala de aula. Inegavelmente, ele defende este uso, tal como apresentado nos capítulos anteriores. Entretanto, não há foco sobre a integração entre as artes que, assim como o uso de música contemporânea, perpassa as três obras aqui vistas. Essa proposta não é citada por Fonterrada e é apresentada brevemente por Mateiro. Além disso, apesar de esta pesquisa não abarcar todas as obras em português que falam sobre John Paynter, o livro *The Dance and the Drum*, no qual ele desenvolve a proposta do uso de Música-Teatro em sala de aula, não foi encontrado nas referências de nenhum dos livros, teses e artigos encontrados.

Em meio a uma ausência de bibliografia em português disponível de e sobre Paynter, tanto em bibliotecas quanto na internet, o presente texto pretende-se uma luz inicial sobre o caminho encontrado por esse educador para reconciliar as formas artísticas e para a utilização

destas como um todo orgânico em sala de aula. Um pontapé na utilização da Música-Teatro como possibilidade de trabalho em aula, aproximando-a do contexto escolar.

## Referências

FONTEERRADA, M. T. de O. **De Tramas e Fios**: um ensaio sobre música e educação. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

LEAO, E. C. Aprender e ensinar. In: \_\_\_\_\_. **Aprendendo a Pensar**. Petrópolis: Vozes, 1977. v. 1, cap. 4, p. 44–50.

MATEIRO, T. John Paynter: A música criativa nas escolas. In: ILARI, B.; MATEIRO, T. (Org.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: Ibpex, 2011. cap. 8, p. 243–274.

PAYNTER, J. **Hear and Now**: an introduction to modern music in schools. Amersham, England: Universal Edition, 1972.

PAYNTER, J.; ASTON, P. **Sound and Silence**. London, England: Cambridge University Press, 1970.

PAYNTER, J.; PAYNTER, E. **The Dance and the Drum**: integrated projects in music, dance and drama for schools. Amersham, England: Universal Edition, 1974.